

Foucault, o Método Histórico-Filosófico de Pesquisa e sua Contribuição para a Metodologia Científica das Ciências Humanas

Doutorando (UFF) Fernando Gaudereto Lamas, Professor de História na Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: fglamas@yahoo.com.br

Mestrando (PUC-MG) Ramon Mapa da Silva, Professor de História do Direito na Universidade Presidente Antônio Carlos – Itabirito.

E-mail: ramon_mapa@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo desse artigo é discutir as possíveis contribuições metodológicas do pensador francês Michel Foucault para as ciências humanas. Para atingirmos nosso intento passaremos em revista apenas as obras em que o filósofo francês dedicou à História, tanto em seus aspectos puramente metodológicos, quanto em seus aspectos práticos, isto é, de pesquisa. Nosso objetivo maior é perceber que através da adoção do método histórico, Foucault procurou dar uma contribuição ao método de pensamento filosófico.

Palavras-Chave: Foucault; historiografia; história; metodologia.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the possible methodological contributions of the French philosopher Michel Foucault to the humanities. To achieve our aim will be reviewed only works when the French philosopher devoted to history, both in purely methodological aspects, as in its practical aspects, i.e in research. Our ultimate goal is to realize that by adopting the historical method, Foucault sought to make a contribution to the method of philosophical thought.

Keywords: Foucault; historiography; history; methodology.

Introdução

O objetivo desse artigo é analisar o método histórico-filosófico desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault ao longo da segunda metade do século XX. Cremos que este método merece um estudo mais detido, uma vez que pode conduzir à análises extremamente úteis tanto para os profissionais da área de Humanas quanto para os profissionais da área de Saúde, uma vez que Foucault aplicou este método para

perscrutar os procedimentos clínicos usuais em tratamentos psiquiátricos e médicos na primeira metade do século XX.¹ Não temos, portanto, a pretensão de realizarmos uma análise aprofundada dos trabalhos de cunho essencialmente filosóficos do autor. Nosso maior objetivo é discutir a contribuição de Foucault para o alargamento da Metodologia Científica para as Ciências Humanas e, particularmente para a História.

Michel Foucault caminhava na direção de libertar, não a História, como destacou Margareth Rago, (RAGO, 2002, ps. 255-272) mas as ciências ainda muito atreladas ao método de pesquisa positivista. Para o filósofo francês, a opção pelo positivismo estava intimamente ligada a uma forma de controle de informação e conseqüentemente, a uma forma de detenção de poder. Este foi o tema fundamental desenvolvido por Foucault. *História da loucura* é não somente uma crítica aos procedimentos clínicos adotados ainda no século XX, como também uma crítica à forma de se fazer Ciência (Metodologia) já que esta se encontra imbricada com as relações de poder.

Caminhando na mesma direção de nossa apreciação, encontramos Guilherme Castelo Branco, quando este autor, analisando a fase que ele denomina “analítica do poder” (1970-1977), afirmou que:

(...) no início dos anos setenta, Foucault procurou analisar as relações de poder entre saber e poder num projeto que, apesar de prioritariamente epistemológico, tem de amparar-se numa nova concepção de poder. (in RAGO, 2002, p.175)

A preocupação epistemológica de Foucault, iniciada, segundo Gilles Deleuze, em *História da loucura*, resulta, segundo palavras deste mesmo autor, na principal obra com preocupação científica, a *Arqueologia do conhecimento*. (DELEUZE, 200, p. 130). Nessa obra Foucault tentou chamar a atenção para a adoção de novos métodos que libertassem as Ciências da influência do Positivismo.

Podemos dizer que o que Foucault pretende é inaugurar uma ontologia do presente a partir de seus estudos sobre a modernidade. Obviamente que ontologia aqui escapa ao sentido metafísico que a filosofia pretendeu, até Nietzsche, imputar a

¹ Foucault fez uso desse mesmo método para analisar outros temas tais como o poder em suas múltiplas dimensões (*Microfísica do poder*, 1979) e a punição (*Vigiar e punir*, 1996).

esse termo. A ontologia foucaultina se reveste com um sentido de crítica, em que a percepção do tempo presente passa inevitavelmente pelos questionamentos acerca das inúmeras possibilidades que existiram desse tempo ter sido diferente.

O entendimento acerca da visão foucaultina da história passa, portanto, obrigatoriamente pelo entendimento da visão acerca da história desenvolvida por Nietzsche. A visão histórica desenvolvida por Nietzsche inicia-se com uma dura crítica à forma de se fazer história na Alemanha, ou melhor, dizendo, a maneira alemã durante o Reich de fazer história. Hayden White, analisando as possibilidades do discurso histórico, entendeu que em Nietzsche havia duas formas de considerar a História, a saber:

(...) un tipo negador de la vida, que pretendia encontrar el único modo eternamente verdadero, o "propio", de ver el pasado y un tipo afirmador de la vida, que estimulaba tantas visiones diferentes de la historia como proyectos había para alcanzar un sentido del ser en seres humanos individuales. (WHITE, 1992: 316-317)

Fugindo da história enquanto processo linear, que, alcançaria um fim idealizado, nos moldes do pensamento hegeliano, Foucault trabalha a questão das contingências que formam o presente, num questionar constante sobre a proveniência e emergência dos acontecimentos históricos. Em oposição à ideia de origem, que pressupõe um desenvolvimento linear, a ideia de proveniência carrega em si toda a série de contingências, heterogeneidades, rupturas e fragmentações sutis próprias ao momento histórico.

Da mesma forma, a emergência não se mostra como ponto final do acontecimento, mas sim como momento em que todas aquelas rupturas e sutilezas se concretizam em um processo de normalização que grosseiramente representa o surgimento de determinado elemento histórico. O manicômio e as instituições totais surgem, assim, como a normalização de todo um discurso sobre a razão e a desrazão na modernidade que acaba por enxergar na última um problema de sentido moral e social. Dessa forma, tanto a obra cartesiana quanto o hospital geral ou as reformas de Pinel, contribuíram, no jogo incessante do devir histórico, para a consolidação dessas instituições. Nada menos linear, portanto.

Essa ausência de linearidade atinge principalmente o olhar do homem contemporâneo, que, como ressaltou Roberto Machado, encontra-se profundamente antropologizado, medicalizado e humanizado (no sentido racional do termo) e que por essas razões percebe aqueles que não se enquadram nessa forma de apreensão do mundo como diferentes, *estrangeiros aos olhos da razão e da moral*. (MACHADO, 2001, p. 17)

François Dosse ressaltou como um dos aspectos positivos da obra de Michel Foucault justamente o fato de buscar o prolongamento do poder em suas extremidades, descobrindo, desta forma, *por trás do inorgânico e do desordenado, a hierarquia e a ordem*. Ao mesmo tempo Dosse destacou o risco que esse procedimento tem de diluir o poder, retirando a capacidade de resistência, uma vez que se o poder está em todo lugar, não se pode lutar contra o mesmo. (DOSSE, 2003, ps. 338-339)

A análise de François Dosse não levou em conta que o caminho aberto por Foucault possibilitou uma compreensão mais nítida acerca das ramificações e manifestações do poder nos seus mais variados graus. Como destacou Francisco Falcon, *nas pegadas de Foucault, o interesse maior é pelas investigações acerca das formas concretas que assume a luta pelo poder (e o seu exercício)*. (FALCON, 1997, p. 80)

O risco apontado por Dosse é fruto de uma percepção equivocada da obra de Foucault uma vez que pretende compreendê-la como fruto de um elogio da irracionalidade pós-moderna, tal como fizeram Luc Ferry e Alain Renaut. (FERRY, RENAULT, 1988, p. 109) Dentro dessa perspectiva a obra de Foucault passa a ser percebida como uma análise da descontinuidade em detrimento da continuidade que marcaria o trabalho histórico e de uma opção pela narrativa pura em detrimento do entendimento de processo histórico.

Essa crítica perde totalmente seu sentido se entendermos a metodologia de pesquisa histórica de Foucault. O pensador francês adota a genealogia nietzscheana enquanto método de pesquisa histórica e em muitos termos continua o trabalho do pensador alemão. Para Nietzsche a genealogia *consiste em reconstruir as condições de surgimento, transformação, deslocamento de sentido e desenvolvimento dos supremos*

valores de nossa civilização (GIACÓIA JUNIOR, 2003, p. 16). Herda de Nietzsche, por exemplo, a ideia da multiplicidade de interpretações possíveis sobre um fato histórico, a descontinuidade trágica do devir histórico, bem como a consciência da arbitrariedade presente na estipulação de uma certa “verdade”, em detrimento das demais no desenrolar do processo histórico.

Assim como Nietzsche, Foucault enxerga na transitoriedade, no imprevisível, no trágico, uma questão ética fundamental: ‘se temos diversas interpretações possíveis, podemos ter certeza que a interpretação que escolhemos é a melhor?’ Para Foucault a resposta não interessa tanto quanto a pergunta, que ele considera fundamental para uma vida emancipada. Pergunta essa embotada pelas certezas do pensamento metafísico, que começam a se quebrar com o advento do Iluminismo. As luzes permitem o abandono das antigas estruturas universais e o estudo do acontecimento como forma de busca pela consciência crítica do homem.

Apesar de reconhecer a importância do Iluminismo para a criação de uma consciência libertadora, Foucault, assim como Adorno e Horkheimer, também reconhece os limites impostos pela supremacia, não da razão, mas de uma razão, a saber, a razão burguesa, que se baseava na credulidade, na aversão à dúvida, na precipitação nas respostas, no pedantismo cultural, no receio de contradizer, na parcialidade, na negligência na pesquisa pessoal, no fetichismo verbal (...) e em outras causas semelhantes. (ADORNO, HORKHEIMER, 1996, p. 17)

Nessa crítica à forma burguesa de percepção e auto-percepção da sociedade Foucault aproxima-se da crítica de Marx à sociedade burguesa, em especial, ao conceito de fetichismo da mercadoria, responsável direto, segundo Marx, pelo embotamento de uma consciência crítica social. Também podemos vislumbrar intercessões entre Marx e Foucault na visão do materialismo exposta por Marx pela qual a realidade determina a consciência e não o oposto. Os dois pensadores entendem que a realidade (percebida como totalidade) é muitas vezes mais complexa que a consciência da realidade (percebida como parcial), originando daí a multiplicidade de interpretações históricas sobre um mesmo fato, além da multiplicidade de saídas em oposição à saída única indicada pela visão burguesa.

A consciência originada da percepção acima exposta é essencial para nos livrar das armadilhas próprias do pensamento metafísico assim como de um pensamento indicador de uma única via. Nesse sentido, o método histórico de Foucault, assim como o método marxista, não pode ser confundido com a História, mas apenas como um método (HOBBSAWN, 1998, p. 175).

Não é de se admirar que a leitura que Foucault faz do Anti-Édipo, de Deleuze e Guatari, seja a de uma obra de ética, uma vez que para Foucault esse livro inquietante ressalta as diversas possibilidades que temos de viver de forma diferente da que vivemos:

Existem momentos da vida onde a questão de saber se podemos pensar diferentemente do que pensamos e perceber diferentemente do que vemos é indispensável para continuar olhando ou refletindo. (FOUCAULT, 2002, p. 14)

Mais do que filosofar sobre a História, Foucault se utiliza dessa História como método filosófico, como forma de pensar o contemporâneo no jogo incessante do devir trágico, e como maneira de evocar as arbitrariedades e escolhas escondidas atrás das “verdades” e dos “conceitos”. Novamente ecoa aqui a obra nietzscheana, uma vez que na sua Segunda Consideração Intempestiva, Nietzsche trabalha justamente a ideia de que a História é importante porque nos faz perceber outras vidas e outras possibilidades, o que não o impede de opor a desvantagem da História para a vida, que seria embotar o desejo de ação nos homens, uma vez que esses não podem ter dúvidas. Mas, a par disso, Foucault se concentra na ideia da verdade e na consolidação dos saberes na história. Se toda verdade é provisória e arbitrária, o que dizer da verdade histórica? Contra todos os cânones positivistas e da história factual, Foucault opõe as rupturas, as sutilezas, as circunstâncias, mas, assim como Nietzsche, com a pretensão de mostrar que a vida poderia ser diferente.

Tal perspectiva não pode ser confundida com uma negação da realidade ou com a substituição desta por uma interpretação possível. Foucault compreende bem que toda a interpretação é uma interpretação da interpretação, pois a apreensão da realidade em seu sentido mais duro nos é dada a partir de interpretações produzidas por nós ou por outros. Segundo Eduardo Grüner essa perspectiva não invalida as

interpretações críticas do passado, como o marxismo, por exemplo, uma vez que *lo que hace Marx es empezar por aceptar el "texto" de la economía burguesa como verdad parcial, y luego interrogar sus "silêncios" o sus inconsistências* (GRÜNER, 2006, p. 124) .

Em vida, Foucault usava desse mesmo argumento para rebater a ideia, bem difundida, aliás, de que ele seria um autor humanista. Dizia que os tecnocratas é que eram humanistas, afinal eles achavam que conheciam o melhor caminho para a vida das pessoas. Ainda sobre o problema da verdade e a influência do pensamento nietzscheano na obra de Foucault, não é de se admirar que o seguinte fragmento do autor alemão seja um dos preferidos de Foucault sobre o tema:

Num certo canto remoto do universo cintilante, vertido em incontáveis sistemas solares, havia uma vez um astro onde animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e hipócrita da "história mundial", mas foi apenas um minuto. Depois de a natureza ter respirado umas poucas vezes, o astro enregelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer. (NIETZSCHE, 2005, p. 7)

Muito semelhante ao projeto dos *Analles*, no que toca a questão das várias maneiras de se enxergar o momento histórico, o trabalho foucaultiano radicaliza o perspectivismo ao adotar como fontes primordiais documentos que o autor gostava de chamar de "exóticos" ao trabalho histórico: cartas de loucos e de condenados, pinturas, textos literários. Aliás os textos literários merecem um comentário à parte no trabalho de Foucault. De Sófocles à Artaud, passando por Nietzsche, Sade e Raymond Roussel, o autor francês aponta sua flecha para autores malditos e mesmo banidos – como Sade – da história oficial.

A semelhança com a proposta francesa dos *Analles* não para apenas na escolha de documentos exóticos, mas na busca por uma *conexão lógica entre várias formas de comportamento, pensamento e sentimento, para vê-las como mutuamente coerentes*, enquadrando-se nesse sentido àquilo que acabou denominado como História das Mentalidades. (HOBBSAWN, 1998, p. 199). A seguir teceremos alguns breves comentários ao trabalho de Foucault, destacando, entre sua vasta galeria de problemas e preocupações filosóficas, alguns temas fundamentais para entender sua metodologia aplicada ao fazer histórico.

Artaud, Van Gogh, Nietzsche e Sade: a loucura cobrando o seu quinhão.

O texto literário é muito mais do que uma experimentação estética, ou a articulação de uma narrativa sobre um determinado tema. As flutuações, inseguranças e mesmo aquilo que não pode ser dito oficialmente dentro de uma sociedade encontram guarita no texto literário. Em sua análise da contribuição dos saberes “psi” para o desenvolvimento das instituições totais Foucault parte da ideia de que a mentalidade legitimadora da internação se funda na concepção de que a razão é o que nos diferencia do resto do mundo animal e que nos eleva acima da natureza. Esse pensamento, de matriz nitidamente cartesiana (FOUCAULT, 1978), esbarra em um primeiro momento com a desrazão, com formas de viver diferentes, irracionais, mas que compartilham o mesmo *locus* da racionalidade, as grandes praças, as sombras dos palácios, os entretenimentos da nobreza e da população.

Com o surgimento do capitalismo a capacidade produtiva se transforma em um discurso diferenciador das pessoas: os bons são os que podem trabalhar e produzir riquezas, inteiramente de acordo com as doutrinas de cunho liberal que enxergavam no trabalho a origem da riqueza das nações, e os maus os que não produzem e se apoiam nos demais para poder sobreviver. A lógica do capital retira do “louco” qualquer estatuto moral que antes o mesmo pretendia ter, condenado ao silêncio do hospital geral e em um segundo momento às celas manicomiais, o louco é afastado do convívio dos normais, vítima de sua própria linguagem e forma de ver o mundo, inalcançáveis pelo uso da razão, marcando a distinção social apontada por Deleuze e Guatari, entre produção, distribuição e consumo (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p. 9).

Foucault tenta dar voz a essas pessoas, silenciadas por uma nova ordem, violenta demais para que pudessem reagir, e analisa suas fichas de tratamento, seus memoriais, sua arte, sua literatura. Em Sade ele enxerga uma radicalização do projeto iluminista: e se a razão tivesse que passar pelo crivo da própria razão? Como partículas que se anulam gerariam a própria desrazão que pretende combater. O texto sádico demonstra que a moral defendida pelos moralistas franceses da época das luzes é tão ou mais arbitrária e violenta quanto o tipo de moral sádica que ele

pretende estabelecer. Nietzsche se coloca também dessa forma, minando as verdades universais através do jogar com a razão, colocando-a diversas vezes em xeque, mostrando o tanto de moral e de arbitrário que existe em nossas posições “objetivas” ou “científicas” diante da realidade, rompendo com toda a estrutura externa da significação. Para além dessa estrutura “jaz a loucura – o destino de Hölderlin e de Nietzsche” (DARTON 1986, p. XVIII).

Foucault acaba enxergando, no fim do projeto racionalista, a incorporação da desrazão como o inatingível, como uma realidade diferente da razão, não o seu oposto, algo que ela não consegue fazer falar, mas em que pode enxergar seus próprios resquícios escondidos. O inconsciente freudiano, o id à solta que explica e forma o ego. O mundo se medindo pela obra de Nietzsche, Artaud e Sade. A loucura falando, se apropriando do discurso racional, fazendo novamente o mundo duvidar.

O corpo, prisioneiro da alma.

A análise das instituições totais realizada por Foucault não possui um caráter humanista, de condenação do poder institucional como sempre perverso e destrutivo. Foucault se exime de valorar o poder institucional dessa forma, buscando sua faceta “construtiva”. O que o poder constrói são novos corpos, novas formas de se lidar com o corpo (FOUCAULT, 1996). O corpo é visto por Foucault não como um dado biológico inalterável, mas como algo extremamente fluido e adaptável às forças que o pressionam e o atravessam. Invertendo a famosa máxima platônica: a alma, prisioneira do corpo, Foucault enxerga o corpo como um construto da situação social em que está inserido. A “alma” seria formada pelas forças que atravessam esse corpo. Dessa forma existiria uma “alma” para o louco, outra para o preso, outra para o homossexual. O corpo se constrói em resposta à atuação dessas forças anímicas, construindo novas formas de sexualidade, de visão, de tato.

As atuações do poder se mostram muito mais sutis do que pode parecer. Sem essência ou concretude o poder para Foucault não é algo que se possui, mas que se exerce, que age. Ninguém é dono do poder, ele simplesmente está presente,

capilarmente, na família, no hospital, na escola, na prisão (FOUCAULT, 1979). Construindo, criando, destruindo, estabelecendo e anulando. O poder é expressão do mundo, e uma força que o saber histórico não pode ignorar.

Piérre Rivière, o assassinato como discurso.

Foucault organizou e anotou a publicação dos autos de um processo de homicídio triplo realizado por um camponês francês em 1835. Piérre Rivière degola a mãe, sua irmã Victoire e seu irmãozinho Jules, para, segundo ele, por fim aos sofrimentos de seu pai, constantemente atormentado pela mãe. Foucault chama atenção não para o crime em si, mas para o memorial que Rivière escreve para os magistrados explicando o crime e suas crenças sobre a sociedade. Para Foucault o texto memorial e o assassinato se complementam, ambos são ato e discurso, acontecimento e fala. Um perde a força sem o outro. Sem seu memorial, o ato de Rivière perde grande parte de seu poder de chocar.

Dono de uma lógica por vezes perturbadora o texto se utiliza de argumentos religiosos, mesclados às teorias moralistas da época para justificar o ato assassino. Mas, mais que isso, o texto faz parte do assassinato, pois eterniza o ódio de Rivière por suas vítimas, cristaliza seu sorriso cravado por uma sábia idiotia. O memorial transforma o assassinato em discurso, mas é, ele mesmo, um acontecimento. Foucault e sua equipe contextualizam o ato e o texto em sua época, se aproximando algumas vezes daquilo que os historiadores, por falta de um termo melhor, chamam de mentalidades. Inserem Rivière num discurso de animalidade próprios do campesinato francês da época, em que o horrível era sempre o “quinhão de todos” (FOUCAULT, 2007), em que seu ato tenta ofender mais a própria realidade, que lhe impõem a impossibilidade esmagadora do cotidiano, do que a moralidade francesa tradicional.

Rivière força o mundo, como força seus cavalos, quase à exaustão, tentando ver até onde o impossível alcança. Numa época em que as teorias contratualistas da sociedade começam a tomar forma, Rivière interpreta a ideia da lei e do contrato à sua maneira, se colocando no papel do árbitro e do executor, que garante o cumprimento

do contrato, ou a punição de quem se nega a cumpri-lo. Muito mais do que o ato de Rivière, um entre centenas de atos monstruosos na época, o que choca é a realidade em que esse ato aparece. A monstruosidade pesada e opressora de um cotidiano que reduz a vida à animalidade, ao nunca poder, ao nunca realizar. Em que os tributos confiscam até à miséria, em que a hostilidade da vida leva à hostilidade contra à vida.

Conclusões

Espelho retrovisor futuro.

Vimos como o olhar foucaultiano sobre a história levanta problemas essenciais para o amadurecimento de nossas concepções científicas, possibilitando a emancipação do saber de suas amarras positivistas. Ao encenar o teatro da certeza e da objetividade, os positivismos criam a ideia da universalidade e da atemporalidade dos conceitos que constroem, vendendo, ainda que veladamente, a concepção de que existem verdades absolutas e que somente através de tal ou qual método é possível que as alcancemos.

A genealogia foucaultiana se inscreve, nesse contexto, como um questionamento radical não só dos limites da significação e do conceito, lançados à análise como partes de um processo histórico, mas também de nossa postura diante desses conceitos e de nossa visão de mundo em geral.

A história para Foucault, portanto, é uma forma de lidarmos com o presente, de considerarmos todas as possibilidades para a nossa realidade. Ainda que sua contribuição para o fazer do saber histórico não seja tão radicalmente inovadora é fundamental para repensarmos nosso viver como viver historicamente inscrito. Deleuze concebe o monstro como um problema ético fundamental, uma vez que, segundo ele, o monstro representa aquilo que poderíamos ter sido, ou ainda podemos ser. Assim também o é nos textos de Foucault. Cercados pelos seus monstros, loucos e anormais, podemos repensar nossos critérios, nossa forma de vida, nossas maneiras de emancipação e nossas escolhas. Repensar nossa normalidade, que como a de Pierre Rivière, tenta nos esmagar com o peso do impossível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **O conceito de Iluminismo**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- CASTELO BRANCO, Guilherme. As lutas pela autonomia em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda & VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&a 2002.
- DARNTON, Robert, **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles & GUATARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. 2º ed. Bauru: EDUSC, 2003.
- FALCON, Francisco. **História e poder**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **O bufão dos deuses**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- FERRY, Luc & RENAULT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. Tradução: Roberto Markenson & Nelci do Nascimento Gonçalves. São Paulo: Ensaio, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 8ª ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir, história da violência nas prisões**, 13^aed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel, **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel, **História da Loucura na Idade Clássica**, São Paulo: Perspectiva, 1978.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. Nietzsche. Perspectivismo, genealogia, transvaloração. In: **Dossiê Cult: filosofia contemporânea**. São Paulo: Editora 17, 2003.

GRÜNER, Eduardo. Lecturas culpables. Marx(ismos) y la praxis del conocimiento. In: BORON, Atílio; AMADEO, Javier; GONZÁLES, Sabrina (compiladores). **La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre história**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a linguagem**. 2^o ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich, **Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral**, São Paulo: Rideel, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich, **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**, Rio de Janeiro: Relume Dumará 2003.

RAGO, Margareth. Libertar a História. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda & VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&^a 2002.

WHITE, Hayden. **Metahistoria: la imaginación histórica en la Europa del siglo XIX**. Traducción: Stella Mastrangelo. Fondo de Cultura Económica: México, D. F, 1992.